

QUANDO O COMUNISMO BATE À PORTA : A GUERRILHA DE CAPARAÓ E O MEDO DESENVOLVIDO DEIA DODIIACÃO LOCAL EM DEIACÃO AOS GUERRILHEIROS*

citation and similar papers at core.ac.uk

brought

provided by Cadernos ES

Plínio Ferreira Guimarães

Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Resumo

Este artigo analisa o medo desenvolvido pelos moradores das proximidades da Serra do Caparaó em relação aos guerrilheiros que se instalaram na região na tentativa de iniciar um movimento de luta armada contra a ditadura militar – a Guerrilha do Caparaó. A partir de todo o conjunto de imagens construído em torno do comunismo, a referida população viveu momentos de angústia e desespero à espera de que os “perigosos comunistas” descessem a Serra, colocando em risco a vida de todos.

Palavras-Chave

Anticomunismo • Medo • Guerrilha de Caparaó

Abstract

This article analyses the sense of fear that took place among the living people of Caparaó Mountain against the partisans that were installed in the region to try to begin a reaction movement against the Military Dictatorship – The Caparaó Guerrilla War. Through the group of images, built over the Communism, these people lived moments of anguish and despair, while waiting for the “dangerous communists” to get down from the Mountain in order to put their lives on risk.

Keywords

Anticommunism • Fear • Caparaó Guerrilla War

* A discussão presente neste artigo é parte da dissertação defendida em 2006 pela UFJF com o título “*Caparaó, a lembrança do medo : A memória dos moradores da região da Serra do Caparaó sobre o primeiro movimento de luta armada contra a ditadura militar – a Guerrilha de Caparaó*”, tendo a orientação da Dra. Cláudia Maria Ribeiro Viscardi.

A Guerrilha de Caparaó, primeiro movimento de luta armada contra a ditadura militar imposta após o golpe que depôs o presidente João Goulart no ano de 1964, caiu antes mesmo de entrar em ação. Sendo tramada por subalternos das Forças Armadas que haviam se envolvido nas mobilizações em favor das reformas de base¹ durante o governo de Jango, principalmente por sargentos e marinheiros, o projeto guerrilheiro também envolvia civis ligados a organizações e partidos de esquerda, além de contar com o apoio de Leonel Brizola. O ex-governador gaúcho, na época exilado no Uruguai, havia se aproximado do governo cubano, conseguindo ajuda financeira e em forma de treinamento guerrilheiro na ilha socialista, possibilitando a montagem da Guerrilha.

Em novembro de 1966, um grupo de integrantes do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), sigla criada para pôr em prática o projeto de luta contra o governo militar, deu início às movimentações de reconhecimento e treinamento no interior do Parque Nacional do Caparaó². Descobertos e denunciados pela própria população local, os integrantes do MNR que subiram a Serra foram presos pela Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) entre fins de março e início de abril de 1967.

O presente artigo busca reconstituir o movimento a partir do olhar da população da região, principalmente aquela residente nas áreas rurais. Para os moradores das proximidades do Parque Nacional do Caparaó, a Guerrilha não se configura como uma tentativa de reação armada ao grupo que havia tomado o poder através de um golpe de Estado. Ao contrário, lembrar a Guerrilha significa recordar o medo vivido de que a qualquer momento “perigosos comunistas” desceriam a Serra e dominariam toda a região, escravizando a população

¹ O programa de reformas de base previa : a *reforma urbana*, voltada para o planejamento do crescimento das cidades; a *reforma bancária*, buscando criar um sistema de financiamento das prioridades nacionais; a *reforma tributária*, priorizando os impostos diretos, principalmente o imposto de renda progressivo; a *reforma eleitoral*, concedendo o voto aos analfabetos; a *reforma do estatuto do capital estrangeiro*, regulando investimentos estrangeiros e remessas de lucros para o exterior; a *reforma universitária*, voltando o ensino e a pesquisa para o atendimento das necessidades sociais e nacionais; e a principal de todas as reformas, a *agrária*, tornando mais justa a distribuição de terras no país. Cf. REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. 3ª ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editora, 2005, p. 24.

² A Serra do Caparaó está situada na divisa dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, estando distante cerca de 330 km da capital mineira, Belo Horizonte, e 225 km da capital capixaba, Vitória. A região, que abriga o ponto mais alto da região Sudeste e o terceiro do país, o Pico da Bandeira, foi transformada em Parque Nacional no ano de 1961.

e subvertendo por completo a ordem existente. Assim, os moradores da área pesquisada realizam uma construção toda particular do movimento guerrilheiro, produzindo uma versão diferente daquelas existentes nos raros trabalhos sobre a Guerrilha de Caparaó³.

As investigações se concentraram em Caparaó e Alto Caparaó⁴, cidades do lado mineiro da Serra, e no povoado de Pedra Menina, pertencente ao município capixaba de Dolores do Rio Preto. Entre os entrevistados, quase a totalidade vivia na zona rural na época da Guerrilha. Entretanto, deve-se destacar que o cotidiano da maioria das cidades em torno do Parque Nacional do Caparaó ainda era moldado pela vida do campo⁵.

Ainda que se possam identificar algumas peculiaridades de cada uma dessas áreas pesquisadas, os depoimentos coletados demonstraram muitas características em comum que merecem destaque, possibilitando descrever o modo de vida

³ Entre os trabalhos que se teve acesso que, de alguma forma, abordam a Guerrilha de Caparaó, estão : BOITEUX, Bayard Demaria. *A guerrilha de Caparaó e outros relatos*. Rio de Janeiro : Inverta, 1998; CAPITANI, Avelino Bioen. *A Rebelião dos Marinheiros*. Porto Alegre : Artes e Ofícios, 1997; GABEIRA, Fernando. *O que é isso companheiro?* São Paulo : Companhia das Letras, 1996; GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo : Companhia das Letras, 2002; GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. 6ª ed. São Paulo : Ática, 2003; KUPERMAN, Esther. *A Guerrilha de Caparaó (1966-1967) : um ensaio de resistência*. Rio de Janeiro : 1992. 295f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro; MARCO FILHO, Pe. Luiz de. *Guerrilha do Parque Nacional do Caparaó – Serra do Caparaó – Abril de 1967*. In : *História Militar da PMMG*. 7ª ed. Belo Horizonte : Centro de Pesquisa e Pós-graduação, 2005, p. 131-141; REBELLO, Gilson. *A guerrilha de Caparaó*. São Paulo : Alfa-Omega, 1980; REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. 3ª ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editora, 2005; ROLLEMBERG, Denise. *O apoio de Cuba à luta armada no Brasil : o treinamento guerrilheiro*. Rio de Janeiro : MAUAD, 2001; SILVA, José Wilson da. *O tenente vermelho*. Porto Alegre : Tchê! Editora, 1987; TAVARES, Flávio. *Memórias do esquecimento*. 4ª ed. São Paulo : Globo, 1999. Além destas referências bibliográficas, destaca-se o documentário recém lançado sobre a Guerrilha : CAPARAÓ. Direção e roteiro : Flavio Frederico. Direção de produção : Priscila Torres. São Paulo : Kinoscópio, 2006, DVD, 77 min.

⁴ As duas cidades são conhecidas regionalmente por Caparaó Velho (Alto Caparaó) e Caparaó Novo (Caparaó). A primeira constituía apenas um pequeno povoado pertencente a Caparaó na época da Guerrilha, tendo se emancipado somente na década de 1990.

⁵ Durante a pesquisa, não foi possível ter acesso a dados populacionais baseados em censos ocorridos no período. No entanto, sabe-se que as populações estudadas eram reduzidas. O censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 2001, mostra populações ainda pequenas em tais localidades : Alto Caparaó, com 4673 habitantes; Caparaó, com 5000 habitantes; e Dolores do Rio Preto, a qual pertence Pedra Menina, com 6188 habitantes. Ver : www.ibge.gov.br .

da população na época em que ocorreu o movimento guerrilheiro. Percebe-se que os habitantes dos arredores da Serra do Caparaó possuíam uma vida rústica, muito próxima daquela investigada por Cândido no interior do estado de São Paulo em meados do século XX e que o autor definiu como “cultura caipira”. De acordo com Cândido, as principais características dessa cultura seriam : “[...] 1) isolamento; 2) posse de terras; 3) trabalho doméstico; 4) auxílio vicinal; 5) disponibilidade de terras; 6) margem de lazer”⁶. Destas, as três primeiras aparecem de forma mais clara neste trabalho, principalmente o isolamento.

Em tais áreas, a economia era quase que de subsistência. Como a agricultura comercial era pouco praticada, quase não havia circulação de dinheiro. As pessoas realizavam trocas naturais ou pagavam mercadorias em serviços, como afirma o agricultor aposentado José Cortez Filho, morador de Alto Caparaó :

Era um pessoal muito pobre. Nós tínhamos que ajudar muito as pessoas, por exemplo, da região aqui que morava perto. Era muito pobre. Não tinha jeito de ganhar dinheiro naquela época, não tinha dinheiro, então nós trocávamos mantimento a troco de serviço deles. Eles trabalhavam, nós trocávamos feijão, gordura, fubá, trocávamos com eles para eles trabalharem para nós. Não tinha outro jeito deles sobreviverem. [...] O pessoal vivia mais do trabalho em troca de comidas assim, porque dinheiro, não existia dinheiro, não existia dinheiro. Nós, para fazermos um “dinheirozinho” para cumprir algum dever, eram os capados que nós levávamos para Manhumirim, queijo... de quinze em quinze dias tinha que levar. Aí tirava um pouquinho de dinheiro lá, mas já trocava num mantimento e já trazia para cá⁷.

Outro morador de Alto Caparaó, Izac Valério, também relata a troca de serviços por alimentos : “O sujeito vinha, chegava aqui. Ele não tinha dinheiro, não tinha nada que vender, então ele trabalhava para aquela pessoa. Mas recebia só a manutenção para ele. Trabalhava aí, só pela comida. Se sobrasse, era, por um acaso, era até para uma roupa”⁸. Através de seu depoimento perce-

⁶ CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito : estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo : Duas Cidades/ Ed.34, 2001, p. 108.

⁷ Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 05 de outubro de 2005.

⁸ Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 04 de outubro de 2005.

be-se que a dificuldade não estava somente do lado daqueles que necessitavam trabalhar para obter comida. O proprietário, na maioria das vezes, também não tinha dinheiro para poder pagar pela mão-de-obra : “[...] era muito difícil a vida. Não existia dinheiro. Quando eles arranjavam uma pessoa para trabalhar, eles tinham que ter café em coco para vender para eles [...] É o café em coco, ou se não, para torrar, para beber, tinha que socar no pilão”⁹.

Neste sentido, vale a afirmação de Cândido que, nas sociedades rústicas, “[...] é acentuada a homogeneidade dos indivíduos”¹⁰. Assim, proprietários e trabalhadores não possuíam um padrão de vida muito diferente. As dificuldades existentes para quem precisava vender a sua mão-de-obra, muitas das vezes, também ocorriam para aqueles que dela necessitavam. Os entrevistados narram um período de pobreza e grandes dificuldades vividas pela população, marcada pela necessidade de trabalho e de conseguir alimentos.

A maior parte dos moradores era analfabeta ou havia freqüentando poucos anos de escola. O acesso às informações também se tornava difícil, sendo o rádio o principal veículo de comunicação citado nos depoimentos. Entretanto, como poucas pessoas possuíam o aparelho, necessitavam realizar visitas periódicas a casa de um conhecido que o tivesse, como narra a ex-agricultora Nadir Tavares de Oliveira, filha de Izac Valério e também residente em Alto Caparaó : “[...] a comunicação que tinha era só um rádio que tinha um senhor lá da roça. Então, a gente tirava dia para ir lá ouvir esse rádio”¹¹. José Cortez Filho também relata a existência de poucos rádios no lugar e só ter acesso ao aparelho através de pessoas conhecidas que o possuíam :

Eu saía daquele canto lá em cima [região mais ao alto da Serra em relação a Alto Caparaó] onde nós morávamos. Eu vinha aqui, onde morou o Antônio Leite, ali é que tinha um rádio, ali é que tinha um rádio. Aí nós chegávamos ali para assistir o rádio, aí o pessoal fazia medo na gente. Falava assim : “Oh, tem uns homens presos por trás daqueles caixotes ali, e aqueles homens são brabos. Se eles escapulirem dali, eles correm em cima do sujeito e mata o sujeito”. Nós ficávamos longe [risos]¹².

⁹ *Idem*.

¹⁰ CÂNDIDO, *op.cit.*, p.23.

¹¹ Nadir Tavares de Oliveira. Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 30 de setembro de 2005.

¹² Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 05 de outubro de 2005.

É interessante perceber que até mesmo dentro da cidade de Caparaó existiam poucos rádios, como afirma o funcionário público aposentado Joaquim Cândido da Silva : “O meio de comunicação era o rádio. Tinha o telefone, mas era só da Leopoldina, comunicava com as estações. Mas, no mais, era só o rádio mesmo. E poucos ainda, nem todo mundo tinha”¹³.

Um dos integrantes do movimento guerrilheiro, Avelino Capitani, também fornece um dado que permite concluir a desinformação da população. Segundo ele, na tentativa de manter contato com alguns habitantes da região, visitou a casa de dois camponeses : “[...] Com o segundo, consegui ter uma conversa descontraída e perguntei se sabia o nome do Presidente da República. Disse que não e que não sabia nem o nome do governador do seu estado”¹⁴.

Além da falta de informação, os meios de transporte também eram precários. Caparaó contava com uma estação ferroviária e, pelos relatos e conversas informais, existiam alguns automóveis na cidade. Porém, em Alto Caparaó e Pedra Menina, as dificuldades eram maiores. As principais formas de locomoção eram a cavalo, burro ou carro de boi, o que gerava uma grande dificuldade para transportar um doente ou para realizar compras nas cidades, por exemplo. Existiam poucas estradas e em péssimas condições, algumas delas feitas para a circulação somente do carro de boi e de animais. Além disso, não existiam veículos que pudessem transportar a população com rapidez para uma cidade em caso de enfermidade. Izac Valério¹⁵ relata que os moradores da região de Alto Caparaó praticamente não tinham contato com médicos e remédios, recorrendo sempre a “benzição” e aos chás nos casos de doenças.

O agricultor Francisco Protásio de Oliveira¹⁶, residente em Pedra Menina, também destaca a dificuldade de acesso às cidades para atendimentos médicos e que os moradores recorriam a “tratadores”¹⁷. Somente mais tarde a população passou a ter acesso a farmacêuticos nas cidades de Espera Feliz e Caparaó

¹³ Depoimento concedido em Caparaó no dia 20 de novembro de 2005.

¹⁴ CAPITANI, Avelino Bioen. *A Rebelião dos Marinheiros*. Porto Alegre : Artes e Ofícios, 1997, p.109.

¹⁵ Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 04 de outubro de 2005.

¹⁶ Depoimento concedido em Pedra Menina no dia 21 de novembro de 2005.

¹⁷ Pessoa que, segundo a crença popular, tem o poder de cura de determinadas doenças e males através de orações e soluções a base de raízes, ervas e coisas do tipo.

e a receber a visita de um médico ao qual, quando requisitado, era necessário levar um cavalo para que se locomovesse até a localidade.

A religiosidade do povo é outro aspecto a ser analisado. No caso de Alto Caparaó, a maior parte da população é protestante, já existindo várias igrejas no período da Guerrilha. Nadir Tavares¹⁸, por exemplo, se orgulha ao dizer que foi nascida e criada dentro da Igreja Batista de Alto Caparaó. Antônio Pereira Leite, agricultor aposentado e pertencente à Igreja Adventista do Sétimo Dia, afirma que a localidade “[...] sempre teve igreja Batista, Presbiteriana, a Católica e depois veio a Adventista. [...] E aqui é um povo muito religioso. Você não vê ninguém aqui com faca na cintura, não vê com revólver, não vê com nada. O pessoal daqui, a arma deles é a Bíblia”¹⁹. Em Caparaó e na região de Pedra Menina, os relatos levam a crer que a Igreja Católica tinha uma presença mais forte em tais localidades.

Outra característica dos habitantes das áreas pesquisadas, que merece ser discutida, se refere ao imaginário e à cultura popular. De acordo com alguns depoimentos, os moradores locais acreditavam na existência de seres como mula-sem-cabeça, lobisomem e assombrações, aspectos que geravam temores em boa parte dos habitantes. Francisco Protásio descreve tais crenças na região de Pedra Menina :

Hoje já melhorou bem, mas antigamente tinha aquela história : “Ah, no Córrego tal tem uma assombração que faz isso. Lá tem mula-sem-cabeça”. Tinha, tinha esses... hoje não, hoje você quase não vê falar, o lobisomem. O sujeito vira lobisomem. Tinha superstição. É tinha, coisa, eu nunca acreditei nisso. Eu não acredito, compreendeu? Eu não acredito que existia assombração. Assombração pode ser um de nós atentando o outro. Eu acho que mexe com o outro e... é uma tentação. O que eu acho é isso. Um capeta, eu nunca vi capeta, e nunca quero ver e não acredito em capeta. Quero só Deus, só Deus pode dominar. Deus é sobre tudo.²⁰

¹⁸ Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 30 de setembro de 2005.

¹⁹ Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 03 de outubro de 2005.

²⁰ Depoimento concedido em Pedra Menina, município de Dores do Rio Preto, no dia 21 de novembro de 2005.

Pode-se perceber a simplicidade dos moradores da região pesquisada a partir de outros relatos. José Cortez Filho afirma que, em seu pensamento, o mundo se estendia somente até onde seus olhos pudessem enxergá-lo : “Igual eu pensava que este mundo era assim : o céu parece que encostou ali, aqui [mostra pontos opostos no céu]. Esse mundo é só isso aqui na mente da gente. [...] Aí, depois que a gente começou a viajar para um lado, para o outro, o mundo vai abrindo, foi voando”²¹. Já Nadir Tavares se lembra da primeira vez que um avião a jato sobrevoou a região de Alto Caparaó :

Inclusive, quando viram a primeira vez que avião que passou, passou esses a jato que soltava dois caminhos de fumaça, nossa! A primeira vez que viram aquilo acharam que o mundo estava acabando porque tinha dividido o céu. Porque estava ventando, ficou aquela risca de fumaça de um canto no outro, e aquela risca vai, o vento vai tocando, ela vai cortando, e aquilo o povo ficou todo... uma coisa, nossa senhora! Ah, o mundo estava acabando, que aquilo era uma divisão que deu no céu, que o céu ia abrir, que não sei o quê, que eles foram logo comentando.²²

Entretanto, essa população, mesmo vivendo em condições de isolamento, mantendo pouco contato com as principais cidades da região, não deixou de ser alvo da propaganda anticomunista. De acordo com os depoimentos coletados, políticos e religiosos teriam sido os principais agentes divulgadores das imagens construídas em torno do comunismo. Em relação aos primeiros, o anticomunismo aparecia como uma arma eleitoral. Apresentar-se como um combatente incansável do bolchevismo representava conquistar a simpatia do povo, temeroso do avanço da ameaça revolucionária. Ao mesmo tempo, tentar impor aos adversários o rótulo de comunista significava afastá-los de boa parte do eleitorado. Isso pode ser notado no depoimento de Izac Valério, onde ele afirma que políticos locais ligados à União Democrática Nacional (UDN) seriam os maiores propagadores do anticomunismo na região, tendo como alvo principal o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) : “Ah, o comunismo quem atacava muito mesmo aqui era a UDN. Toda a pessoa que fazia parte da UDN trabalhava. Via um camarada com

²¹ Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 05 de outubro de 2005.

²² Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 30 de setembro de 2005.

um papelzinho do PTB, ‘Ih, rapaz, queima isso. Isso é comunismo, rapaz. Você vai botar a sua mulher na mão dos outros aí? Sua filha?’”²³.

Em diversos depoimentos aparecem referências aos “chefes” locais : “Ah, quem comentava, por exemplo, eram pessoas que naquele tempo, uns diziam que eram chefes do Caparaó, outros eram vereadores, candidatos ou que tinha vontade de ser candidato a prefeito, prefeito mesmo”²⁴. O uso eleitoral do anticomunismo na região fica claro no depoimento do trabalhador autônomo Ismael Gripp, residente em Caparaó :

O povo brasileiro sempre teve medo desse negócio de Fidel Castro. Sempre que tem uma eleição, eles [políticos] falam que esse povo é um povo que escraviza a população. Sempre que vem a eleição eles falam que esse povo é perigoso. Então o pessoal tem muito medo, e se os líderes do lugar falam assim, o pessoal vota tudo contra, e a favor do pessoal que está dando a informação.²⁵

O combate ao comunismo através de religiosos, principalmente católicos, também se faz freqüente nos depoimentos. José Cortez Filho afirma “que a Igreja Católica toda vida foi contra o comunismo. Mas nós mesmos não sabíamos o que era o comunismo. Eles falavam esse negócio, mas nós não sabíamos o quê que era isso, não”²⁶. A professora de Geografia Maria do Carmo Rocha Rezende relata que, em Espera Feliz, “a própria Igreja condenava essas conversas porque o comunismo era tido como pecado. E como aqui era muita... noventa por cento da população era católico praticante, então era visto como essa questão de pecado sem explicação porque que era pecado”²⁷.

Contudo, não se pode afirmar que só a Igreja Católica se empenhou no combate ao comunismo. Ao ser indagada a respeito, Nadir Tavares de Oliveira, que é pertencente à Igreja Batista em Alto Caparaó, afirmou se lembrar que os pasto-

²³ Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 04 de outubro de 2005.

²⁴ Nadir Tavares de Oliveira. Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 30 de setembro de 2005.

²⁵ Depoimento concedido em Caparaó no dia 29 de janeiro de 2004. Ismael afirma que, no período da Guerrilha, havia recém saído do Exército, tendo prestado o serviço militar na cidade do Rio de Janeiro.

²⁶ Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 05 de outubro de 2005.

²⁷ Depoimento concedido em Espera Feliz no dia 22 de novembro de 2005.

res também falavam do comunismo : “Normalmente, o pastor pregava, que as pessoas orassem na hora de votar por causa do comunismo e falava do comunismo. [...] Então pedia muito para não trazer o comunismo para o nosso lugar, para não deixar o comunismo crescer, entendeu, e daí por diante”²⁸.

Além de políticos e religiosos, o convívio social também colaborou para a consolidação de um imaginário anticomunista na área estudada. As conversas informais, geralmente ocorridas em praças, varandas, botecos, etc., reproduziam o discurso dos grupos conservadores e amplificavam o medo diante da ameaça revolucionária. Neste sentido, destaca-se o poder que os mais velhos tinham sobre os demais, como relatam o ex-agricultor Sebastião Machado de Faria, residente em Pedra Menina, e o vigilante bancário aposentado, Welton Ferreira Lima, residente em Caparaó. Sebastião²⁹ relata que os jovens imaginavam os mais velhos como mais inteligentes por eles explicarem aquilo que ouviam no rádio, como sobre o comunismo. Welton fala da impressão que os comentários dos idosos tinham sobre os jovens :

Então, as pessoas mais antigas, igual o senhor Ném Paulino mesmo, que já faleceu, pai da Zezé, ele falava muito : “O comunismo está vindo aí, vai arrasar com esse Caparaó nosso aí!” [fala imitando a voz do senhor]. Então era esse tipo de coisa assim, sabe? E você menino, você escutava o idoso falando... “Gente, que coisa perigosa!”³⁰.

Para se compreender melhor como o discurso de combate ao projeto comunista foi absorvido pela população residente nas proximidades da Serra do Caparaó é necessário uma análise do próprio conceito de anticomunismo, que é definido por Rodeghero como

[...] o conjunto das atividades realizadas por grupos diversos, que constroem e se guiam por um conjunto de representações que tem sido chamado de imaginário anticomunista. Trata-se de atividades como produção de propaganda, controle e ação policial, estratégias educacionais,

²⁸ Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 30 de setembro de 2004.

²⁹ Depoimento concedido em Pedra Menina, município de Dores do Rio Preto/ ES, no dia 22 de novembro de 2005.

³⁰ Depoimento concedido em Caparaó no dia 20 de novembro de 2005.

pregações religiosas, organização de grupos ativistas e de manifestações públicas, atuação no Legislativo, etc.³¹.

Portanto, para se chegar a uma definição de anticomunismo, deve-se discutir a própria idéia de imaginário ou imaginação social. Nenhuma prática social se define somente por seus elementos materiais e físicos, pois “[...] toda sociedade cria um conjunto coordenado de representações, um imaginário através do qual ela se reproduz e que designa em particular o grupo a ele próprio, distribui as identidades e os papéis, expressa as necessidades culturais e os fins a alcançar”³². Existem regras interiorizadas pelo indivíduo que dão sentido à vida em grupo. Toda prática social é perpassada por tais regras, ordenando os comportamentos individuais e os direcionando para finalidades comuns.

Para Baczko, o imaginário social está inserido no vasto sistema simbólico que toda coletividade produz e que, através dele, constrói sua identidade coletiva. Assim, essa coletividade estabelece uma representação de si e dos outros, exprime e impõe crenças comuns, constrói modelos de bom comportamento, etc. O autor ainda afirma que, “[...] designar a identidade colectiva corresponde, do mesmo passo, a delimitar o seu ‘território’ e as suas relações com o meio ambiente, e, designadamente, com os ‘outros’; e corresponde ainda a formar as imagens dos inimigos e dos amigos, rivais e aliados, etc.”³³. Mais do que isso, o imaginário social é uma ferramenta eficaz para o controle de toda vida coletiva, permitindo o exercício da autoridade e do poder. Assim, ao trabalhar o imaginário como um conjunto de representações que dão sentido à vida coletiva, deve-se salientar que existem grupos que possuem um maior poder sobre este imaginário e, a partir dele, exercem e ampliam o poder efetivo sobre os demais. Chartier afirma que as representações do mundo social “[...] são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam”³⁴. Assim, exis-

³¹ RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo : o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.22, n° 44, 2002, p. 464.

³² ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Tradução Áurea Weissenberg. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1978, p. 21-22.

³³ BACZKO, Bronislaw. Imagem social. In : *Enciclopédia Einaudi* (Anthropos-Homem). Lisboa : Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985, v. 5, p. 309.

³⁴ CHARTIER, Roger. *A história cultural : entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1990, p.17.

te uma constante luta pelo controle dos bens simbólicos e das representações. Tais lutas são, na verdade, combates pelo exercício do poder : “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”³⁵.

Portanto, o imaginário anticomunista deve ser encarado como uma construção. O anticomunismo surge como um aspecto importante na disputa pelo poder. Toda a propaganda divulgada contra o marxismo tinha por finalidade a manutenção da ordem, enfraquecendo o ideário de transformação da sociedade proposto por Karl Marx. Compreender o imaginário anticomunista, dessa forma, significa analisá-lo à luz dos grupos que o produziram e os aspectos que os motivaram : a Igreja que se via ameaçada em ser destruída, os proprietários que temiam a coletivização de seus bens, os governos que necessitavam de uma justificativa para a adoção de medidas autoritárias, etc.

Assim, um conjunto de imagens negativas foi atribuído aos comunistas, sempre os ligando ao “mal”. O comunismo aparecia como uma ameaça à representação de sociedade ideal para aqueles que o temiam. Era responsabilizado por todo tipo de malefícios como a miséria, a fome, a violência, o pecado e, principalmente, a morte. Uma sociedade comunista seria atéia, dominada pela promiscuidade, a família seria destruída, o Estado ditatorial escravizaria a todos em função de sua ideologia, a liberdade seria rompida por completo, sendo esta a realidade existente na União Soviética e demais nações socialistas. O comunismo era, ainda, comparado a doenças e monstros de toda espécie. Rodeghero mostra como a distinção entre bem e mal foi explorada por grupos que combatiam a ideologia. O comunismo, segundo a autora, era igualado a outras modalidades de mal como o roubo, o homicídio e o adultério e teria “[...] como característica básica o ódio, em oposição ao amor cristão[...]”³⁶ criando, assim, uma contraposição entre cristianismo e comunismo ou, como afirma Motta, a revolução passou a ser encarada como um mal-absoluto : “comunismo=demônio”³⁷. O

³⁵ *Idem.*

³⁶ RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho : imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. 2.^a ed. Passo Fundo : UPF, 2003, p.31.

³⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho” : o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo : Perspectiva/ FAPESP, 2002, p.48.

brasileiro comunista era visto como um traidor, disposto a entregar o país ao domínio de uma outra nação, principalmente aos soviéticos.

Malaguti Batista descreve como a idéia do caos é explorada pelos grupos mandantes no intuito de perpetuar a estrutura desigual e excludente da sociedade. Assim, o outro é visto como portador da destruição, uma ameaça à ordem. “A produção imagética do terror cumpre então um papel disciplinador emergencial. A ocupação dos espaços públicos pelas classes subalternas produz fantasias de pânico e ‘caos social’, que se ancoram nas matrizes constitutivas da nossa formação ideológica”³⁸. Destarte, o comunismo encarnaria esse outro produtor do caos. As classes que viam nele um inimigo a ser vencido a qualquer custo investiram numa ampla propaganda, criando um mito em torno do revolucionário, de sua forma de ação e de seus verdadeiros objetivos.

De acordo com Motta, durante a década de 1930, o anticomunismo começou a ganhar força no Brasil ao mesmo tempo em que acontecia o crescimento do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Com a “Intentona Comunista”, ocorrida em 1935, os setores conservadores da sociedade investiram numa ampla propaganda contra o comunismo, consolidando um imaginário anticomunista³⁹. O próprio presidente, Getúlio Vargas, aproveitou-se do clima de apreensão e medo de uma ação comunista para impor um golpe, rompendo com a legalidade constitucional e instaurando o Estado Novo em 1937.

Porém, a década de 1960 seria aquela em que se percebeu uma maior mobilização dos grupos comprometidos no combate ao comunismo. A posse de João Goulart na presidência da República em 1961 deu início a uma ampla campanha dos setores conservadores da sociedade pela sua deposição. A proximidade de Jango com a esquerda, principalmente com o PCB, causava grande desconfiança nestes grupos. Mesmo o PTB, partido ao qual o presidente pertencia, era criticado por sua posição em favor das reformas de base, o que, segundo os seus críticos, permitiria o fortalecimento e a conseqüente tomada do poder pelos comunistas.

³⁸ MALAGUTI BATISTA, Vera. *O medo na cidade do Rio de Janeiro : dois tempos de uma história*. Rio de Janeiro : Revan, 2003, p. 34.

³⁹ MOTTA, *op.cit.*, p. XXI-XXII.

Nestas circunstâncias, o que se viu foi a convergência de diversos setores da sociedade numa forte campanha contra o governo Goulart : grande parte do oficialato das Forças Armadas, a alta hierarquia católica, empresários, imprensa, setores da classe média, latifundiários, parlamentares, defensores dos interesses norte-americanos, enfim, muitos foram os grupos mobilizados na maior campanha anticomunista que o país já viu, produzindo um clima de medo que proporcionou a derrubada de Jango.

Ainda que o anticomunismo brasileiro tenha ganhado forma e força na década de 1930 e que o governo do general Eurico Gaspar Dutra tenha rompido relações diplomáticas com a União Soviética antes mesmo que o governo norte-americano, o contexto da guerra fria colaborou para o recrudescimento das ações anticomunistas durante a década de 1960. Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos, alarmados pelo crescimento das áreas sob influência soviética, investiram numa ampla campanha mundial contra o comunismo, sustentando grupos dispostos a “[...] enfrentar o ‘inimigo’ comunista, oferecendo-lhes suporte ideológico, político e material”⁴⁰. Assim, também o Brasil se inseriu neste contexto, havendo o apoio do governo e de empresas norte-americanas a diversos grupos comprometidos com o combate ao comunismo e com a trama golpista que derrubou Jango.

A propaganda anticomunista do período utilizou imagens já exploradas nas outras campanhas, como aquela ocorrida na década de 1930 : mostrava-se o inferno soviético e cubano, este segundo ganhando especial relevo no período; o comunismo ligado à imagem do mal, do demônio e de doenças; o comunista como imoral, entre outras tantas representações já exploradas. Várias organizações mobilizaram-se para divulgar tais imagens, afirmando ser este o cenário que esperava o Brasil, por conta da escalada comunista que tomava o país.

É nesse contexto que se insere a discussão central do presente artigo : como as camadas mais baixas da sociedade, como aquela residente na Serra do Caparaó no período em que ocorreu a Guerrilha, teriam reagido diante do imenso aparato propagandístico que compunha o imaginário construído em torno do comunista? Ou seja, que “leitura” tais pessoas teriam feito das mensagens anticomunistas? Rodeghero defende a necessidade de tal pesquisa para ser possível analisar

⁴⁰ *Idem*, p. XXI.

[...] como o fenômeno do anticomunismo poderia ser entendido a partir daqueles indivíduos e grupos que foram alvo das ou que foram atingidos pelas campanhas anticomunistas. Nesta direção, estaria o reconhecimento das defasagens e transformações ocorridas ao longo do processo de produção, circulação e recepção do anticomunismo e também das possibilidades de apreensões e “leituras” diversas sobre o mesmo fenômeno, por grupos diferentes⁴¹.

Vale lembrar que, da mesma forma que o anticomunismo não se constitui num fenômeno único, assumindo várias formas e tendo sido propagado por grupos distintos, a recepção ao discurso anticomunista também não assumiu a mesma forma para toda a população. No caso em questão, ao caracterizar a população estudada como sendo de maioria pobre, vivendo isolada dos centros urbanos, sem nenhum tipo de assistência por parte do poder público, analfabeta ou tendo cursado apenas os primeiros anos do antigo ensino primário, sem acesso à informação, apegada à religião e cujo imaginário era habitado por diversos seres fantasiosos, não é de se estranhar que todo o conjunto de imagens construído em torno do revolucionário comunista tenha adquirido um contorno mais exagerado e proporcionado reações de desespero. Guimarães, em seu estudo sobre as crenças que povoam o imaginário da população rural no interior do Brasil, demonstra que esta é mais propícia ao desenvolvimento de crenças, por ser constantemente atormentada pelo medo da morte⁴². Delumeau também afirma que o homem do passado, principalmente aquele que habitava o universo rural, “[...] vivia cercado por um meio hostil onde apontava a todo instante a ameaça de malefícios”⁴³. Assim, vivendo rodeados por medos cotidianos, os moradores da região da Serra do Caparaó absorveram a propaganda anticomunista e a moldaram a partir dos temores já existentes no seu meio cultural. Porém, mesmo tendo o poder de causar um sincero temor, o comunismo era visto ainda como uma ameaça distante, algo fora de sua realidade.

Com a prisão dos guerrilheiros, a situação se alterou. A população se viu, de uma hora para outra, em perigo de ser dominada, ou mesmo morta, por

⁴¹ RODEGHERO, 2002b, *op.cit.*, p. 465.

⁴² GUIMARÃES, Ruth. *Os filhos do medo*. Porto Alegre : Editora Globo, 1950.

⁴³ DELUMEAU, Jean. *A história do medo no Ocidente : 1300-1800, uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo : Companhia das Letras, 1989, p. 64.

comunistas que desceriam a Serra e colocariam em prática todo o seu plano maléfico. A chegada de tropas militares, portando equipamento de guerra e tendo o apoio de aeronaves da Força Aérea Brasileira (FAB), algo nunca visto por tais pessoas, indicava que a situação era séria, provocando medo e pânico em grande parte dos moradores.

Na verdade, antes mesmo de se espalharem os boatos sobre a existência de “perigosos comunistas” na região, alguns moradores já se encontravam apreensivos com a presença de estranhos barbudos, cabeludos, que vestiam roupas militares e evitavam contato com a população local vagando pelo interior do Parque Nacional do Caparaó. Ainda que existam fontes demonstrando que os órgãos militares já haviam detectado a presença dos integrantes do MNR na região assim que estes iniciaram a movimentação pela Serra⁴⁴, os indícios levam a crer que os guerrilheiros foram denunciados pelos próprios habitantes das redondezas da Serra. Em vários depoimentos, os moradores das localidades pesquisadas afirmam ter avistado tais homens estranhos e comunicado às autoridades. É o caso de Antônio Pereira Leite, que na época morava na região do Vale Verde⁴⁵. Segundo ele, seu filho trabalhava no Pico da Bandeira e avistou homens no “campo”⁴⁶ que andavam armados “[...] com metralhadora e com roupa de polícia e dormia para um lado, outra hora ia para o outro canto”⁴⁷. Antônio, por sua vez, teria comunicado a presença dos estranhos a um oficial da Polícia Militar de Minas Gerais que era seu conhecido : “[...] a gente tinha muita intimidade com esse capitão Zezinho, aqui do Batalhão de Manhuaçu, contamos para ele a história, aí ele resolveu investigar, ver o quê que era aquilo”⁴⁸.

⁴⁴ A seção de informações do I Exército teria encontrado indícios na cidade do Rio de Janeiro, ainda em novembro de 1966, de que uma guerrilha estaria sendo organizada na Serra do Caparaó. Em fevereiro do ano seguinte, o então chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), o general Golbery do Couto e Silva, teria entregado ao presidente Castello Branco um relatório sobre a tentativa de ação guerrilheira e a sua ligação com o grupo de Brizola e com Cuba. Cf. GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo : Companhia das Letras, 2002, p. 204-205.

⁴⁵ Área hoje localizada no interior do Parque Nacional do Caparaó. Antônio Pereira Leite teve suas terras desapropriadas para a criação do Parque, mudando-se para Alto Caparaó.

⁴⁶ Denominação dada pelos moradores locais à região no interior no Parque Nacional do Caparaó. A área é formada por campos de altitude e era utilizada, até a criação do Parque, como pastagem para o gado.

⁴⁷ Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 03 de outubro de 2005.

⁴⁸ Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 23 de janeiro de 2004.

Homens da PM mineira também afirmam terem iniciado as investigações a partir de denúncias de moradores locais sobre a presença de estranhos no interior do Parque Nacional, como afirma o sargento da reserva Sebastião Rocha dos Santos :

É, essa informação chegou através de informes. Informações de pessoas residentes na região, alguns camponeses que moravam no Alto Caparaó e que vinham a Manhuaçu procurar um médico, fazer um tratamento de saúde. Então surgiam comentários nos pontos de táxi, barbearias, rodoviária, onde ficam aglomerações de pessoas. E por ali nós fomos colhendo as informações e levamos ao conhecimento de nosso comandante na época. Então, nosso comandante determinou diligências para a gente ir lá, entrar em contato com os camponeses da região, colher informações, fazer um levantamento para apurar aquele comentário que chegou até Manhuaçu⁴⁹.

O arquivo da PMMG sobre a Guerrilha de Caparaó também traz informações sobre o medo e as denúncias realizadas pela população da região. Em documento do 11º Batalhão de Infantaria (11º BI), datado de 06 de março de 1967, sobre a ação do seu serviço de inteligência, um agente do Parque Nacional do Caparaó comunicou à polícia ter encontrado dois homens armados no alto da Serra. O mesmo agente afirmou que um colega teria avistado um grupo de dez pessoas na mesma região. Nesse mesmo documento, existem informações de intensa movimentação de pessoas próximo ao Rio Claro, o que estaria fazendo a população ficar alarmada⁵⁰.

O mesmo órgão do 11º BI teria investigado a presença de estranhos no lado capixaba da Serra. Em documento datado de 28 de fevereiro de 1967, investigadores da PMMG teriam entrado em contato com as autoridades policiais do município de Iúna, as quais já possuíam informações sobre estranhos no interior do Parque Nacional. As autoridades capixabas também afirmaram que a população local estaria alarmada.

⁴⁹ Depoimento concedido no município de Martins Soares/ MG no dia 30 de janeiro de 2004. O sargento Rocha, à época ainda cabo, trabalhava no serviço de inteligência do 11º BI da PMMG e participou das investigações e prisões dos guerrilheiros.

⁵⁰ Arquivo da Guerrilha da Serra do Caparaó. Museu Histórico da PMMG – Belo Horizonte/ MG. De acordo com o documento do 11º Batalhão de Infantaria da PMMG de Manhuaçu, haveria uma movimentação de “mais de 200 pessoas” na região. No entanto, o número total de integrantes do MNR presos nas redondezas da Serra do Caparaó foi de apenas dezesseis pessoas.

Outra fonte que demonstra a apreensão dos moradores com a presença de estranhos na Serra do Caparaó são os jornais do período. Segundo o *Estado de Minas*, do dia 18 de abril de 1967, a prisão dos guerrilheiros só foi possível após a PM ter recebido denúncias dos moradores de Caparaó Velho sobre a existência de “barbudos” no interior do Parque Nacional⁵¹. O jornal *O Globo*, de 03 de abril de 1967, afirma que pelo menos quatro meses antes da prisão dos guerrilheiros já existiam denúncias realizadas por lavradores que residiam nas proximidades sobre a circulação de pessoas diferentes⁵². No dia seguinte, o mesmo jornal trouxe informações que, desde novembro de 1966, os fazendeiros da região já haviam notado “[...] a presença de elementos estranhos, que não cumprimentavam ninguém, sempre um ou dois sozinhos e que nada perguntavam”⁵³.

Um artigo escrito por Carlos Drummond de Andrade para o jornal *Estado de Minas* talvez traduza melhor o que foi a reação da população ao ficar apreensiva com a presença de estranhos e denunciá-los às autoridades policiais. De acordo com Drummond

Mineiro, se vê cara estranha no caminho de caras rigorosamente catalogadas durante anos e anos, desconfia. Aquêles camaradas magros, barbudos, enfraquecidos, que desciam da montanha e se esgueiravam entre sombras, intrigavam os moradores das margens do Manhuaçu⁵⁴.

Na verdade, ao se analisar os depoimentos dos moradores da Serra do Caparaó e algumas informações obtidas através de conversas informais, percebe-se que tal sociedade mantinha uma proximidade grande entre aqueles que a ela integravam, sendo narradas, inclusive, algumas formas de solidariedade. No entanto, os mesmos depoimentos demonstram que havia desconfiança e receio em lidar com pessoas estranhas ou com atitudes diferentes do grupo instalado na região. José Cortez Filho, por exemplo, relata que os moradores da localidade de Alto Caparaó não permitiam a permanência de estranhos, principalmente de negros: “Se aparecesse uma pessoa estranha aqui, esse pessoal daqui corria atrás...

⁵¹ Operação Guerrilha na serra do Caparaó chega ao fim sem vítimas. In : *Estado de Minas*, 18/04/1967, p. 13.

⁵² Guerrilheiros capturados em Minas Gerais pelo Exército e PM. In : *O Globo*, 03/04/1967, p. 4.

⁵³ A prisão do ex-subtenente Gelci deu pista para a grande caçada. In : *O Globo*, 04/04/1967, p. 10.

⁵⁴ Caparaó. In : *Estado de Minas*, 07/04/1967, 3ª Seção.

fosse preto, então. [...] Esse canto de roça igual esse aqui, o pessoal tinha medo demais [de estranhos]”⁵⁵. Izac Valério já afirma que aconteceram alguns assassinatos de pessoas estranhas que apareceram na mesma região. Segundo ele, em todos os casos, os “homens de bem” da comunidade se juntavam para poder matar aqueles que colocavam em risco a tranquilidade do lugar :

Mas no princípio não tinha delegado. O princípio não era assim. Os homens de bem não podiam deixar nenhuma pessoa que invadisse o outro que é de bem, eles ajuntavam tudo. Ou ele tinha que sumir dali ou morria. “Mas nós vamos te dar um prazo. Sai daí”. Existia. Então morreu alguém aí, vários desse jeito. Não eram os homens que eram brabos, não... [eram] os homens defendendo os “homens de bem”⁵⁶.

Em conversas informais na localidade de Alto Caparaó, outras pessoas confirmam as mortes ocorridas dessa forma e alguns chegam a afirmar a sua participação.

Nos depoimentos de José Cortez e Izac Valério, percebe-se que existia uma desconfiança dos moradores de Alto Caparaó em relação às pessoas que não pertenciam ao seu convívio. Delumeau, analisando a Europa da Idade Média e Renascença, afirma que todo o imaginário construído com relação às terras distantes, relatos da existência de seres monstruosos e fantásticos, na verdade, era um reflexo do “medo do outro”, ou seja, o medo “[...] de tudo que pertence a um universo diferente”⁵⁷. Neste sentido, o autor afirma que o forasteiro era temido e sobre ele recaía a culpa de todos os males. Em Alto Caparaó, da mesma forma, os moradores viam nas pessoas estranhas uma ameaça ao seu modo de vida. As expulsões e os assassinatos de forasteiros, que apareciam nas redondezas, eram justificados pela preservação da união e da tranquilidade entre os “homens de bem” do lugar.

O guerrilheiro, assim, antes mesmo de representar uma ameaça por trazer os malefícios do comunismo, aparecia como um perigo por ser um forasteiro, um elemento diferente que rondava as proximidades. Sempre armados, barbudos, cabeludos e vestindo-se e falando de forma diferente do usual na região,

⁵⁵ Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 03 de outubro de 2005.

⁵⁶ Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 04 de outubro de 2005.

⁵⁷ DELUMEAU, *op.cit.*, p. 54.

os integrantes do MNR foram avistados por habitantes das proximidades da Serra do Caparaó. Por isso, antes de surgirem notícias sobre a existência de guerrilheiros comunistas no alto da Serra, alguns moradores já estavam apreensivos com a presença de estranhos, o que levou às denúncias que, por sua vez, colaboraram para a queda antecipada da Guerrilha.

Entretanto, esse ainda não é o momento em que se verifica uma maior onda de medo. Neste caso, a apreensão ficava mais por conta daqueles que ainda moravam em áreas dentro do Parque Nacional ou daqueles que lidavam com o gado no campo. A prisão dos guerrilheiros, realizada por homens da PM mineira, fez com que se espalhasse a notícia sobre a presença de estranhos no alto da Serra e os boatos de que estes seriam, na verdade, “perigosos comunistas”.

O envio para a Serra do Caparaó de um enorme contingente de militares trouxe a percepção de que a ameaça era real. O impacto da chegada das tropas pode ser percebido em alguns depoimentos, como o do ex-retaíreiro Dalbino José dos Santos, à época residente em Alto Caparaó :

[...] teve uma prima minha que desmaiou mesmo. Desmaiou de ver aquela chegada, daquele policiamento chegando e se fosse uma polícia comum! Mas assim parece que dá mais pavor, um pouco, é o Exército chegando, e caminhão e mais caminhão, ônibus [...] ⁵⁸.

Welton Ferreira Lima, morador de Caparaó, se recorda de ter ouvido as primeiras informações sobre a presença de guerrilheiros na escola : “A professora falou que era para nós tomarmos muito cuidado que havia um povo aí fazendo... rondando aí muito bem armado. E que eram barbudos, bigodudos e aquela coisa toda. E eram muito perigosos, que eles estavam ao redor por aí e coisa e tal” ⁵⁹. Entretanto, para Welton, a chegada das tropas é que teria ocasionado um maior impacto sobre a população : “[...] quando os carros do Exército chegaram aqui na cidade... Para nós foi uma novidade muito grande. [...] Então, se o povo [guerrilheiros] está por aqui, nós temos que realmente nos resguardar” ⁶⁰.

⁵⁸ Depoimento concedido em Espera Feliz no dia 26 de janeiro de 2004.

⁵⁹ Depoimento concedido em Caparaó no dia 20 de novembro de 2005.

⁶⁰ Depoimento concedido em Caparaó no dia 29 de janeiro de 2004.

O medo, que até então ocorria de forma moderada, disseminado entre os poucos que sabiam da existência de estranhos no interior do Parque Nacional, se apodera de quase todos e produz reações desesperadas. Segundo Joaquim Cândido da Silva, a população de Caparaó entrou em pânico : “Foi pânico. Foi pânico que deu. O pessoal entrou em pânico aí e deu... e deu muita coisa. Choravam as crianças daqui e dali”⁶¹. Ele se recorda do desespero da diretora da única escola existente na época na cidade, ao entrar um dia em sala de aula chorando e dispensando todos os alunos. Impressionada com os rumores de que os guerrilheiros iriam atacar Caparaó, ela teria entrado em estado de choque ao avistar homens no alto da Serra :

Aí foi um pânico mesmo. Aí, aquela turma de mocinha e rapaz desceu correndo aqui desesperados, chegaram em casa : “O quê que foi? Ah, é porque tem guerrilheiro ali em cima”. Aí ligaram... foram na estação e ligaram. Dentro de poucas horas apareceu polícia aqui, polícia do batalhão [11º BI]. Aquilo ferveu de polícia. Foram ver, era gente daqui mesmo que estava andando em cima ali, não era guerrilheiro nada⁶².

De acordo com o depoimento de Joaquim, em uma outra ocasião a população de Caparaó teria experimentado um sentimento de grande apreensão. Correram boatos de que guerrilheiros teriam sido avistados nas redondezas indo em direção à cidade : “Aquele dia também foi um pânico, mas muito grande. Ah não, aí a polícia botou o pessoal todo mundo para casa, ‘não sai ninguém’, e pediu : ‘Não sai mesmo, não. Fica todo mundo em casa que, quem aparecer aqui, nós somos obrigados a atirar’”⁶³.

Segundo Welton Ferreira Lima, a população ficou tão apavorada com a notícia da Guerrilha que muitos moradores não abriam as portas ou janelas : “[...] uma população medrosa. Janelas e portas fechadas, entendeu?”⁶⁴. Ele ainda afirma que, quando surgiam rumores que os guerrilheiros estavam próximos à cidade, todos eram dispensados da escola. A sua reação neste instante era correr para casa e se esconder : “A gente corria mesmo. Eu ia para debaixo do cober-

⁶¹ Depoimento concedido em Caparaó no dia 20 de novembro de 2005.

⁶² *Idem.*

⁶³ *Idem.*

⁶⁴ Depoimento concedido em Caparaó no dia 20 de novembro de 2005.

tor, sinceramente. Eu escondia. Dava vontade de esconder debaixo da cama, mas a cama era muito fria por baixo. Ficava por cima, mas cabeça coberta. Isso não adiantava nada [risos]”⁶⁵.

De acordo com relatos dos entrevistados, em Alto Caparaó muitos moradores também permaneceram trancados no interior de suas casas e choraram com medo da presença de guerrilheiros comunistas na região : “A reação deles era chorar, ficar dentro de casa. Muitos não queriam sair”⁶⁶. O depoimento de Dalbino José dos Santos demonstra o quanto o medo tomou conta de algumas pessoas :

[...] eu, para mim, eu sinto, foi apavorante! E não é só eu, é muita gente, pessoas. E outra coisa, a gente às vezes tava deitado, tranqüilo, e de repente a sirene começava a tocar e aí começava... a gente não podia estar na rua até tarde. Antes, a gente não tinha hora para andar. Eu não andava, porque não tinha esse costume mesmo, mas era um lugar tranqüilo. Então, esse período foi mesmo um período apavorante. Todo mundo tinha medo⁶⁷.

Apesar de não ter havido um toque de recolher, as tropas aconselhavam à população que não circulasse pela região à noite. Ainda segundo Dalbino, muitos moradores levaram as mulheres e filhos para outras cidades. Ele próprio levou a sua esposa para Espera Feliz, retornando sozinho para Alto Caparaó.

Em Pedra Menina, a reação foi a mesma. Francisco Protásio afirma que muitos moradores também deixaram de sair de casa : “Tinha algum que deixava de sair de medo, medo. Topar com esses homens, que é uns homens estranhos”⁶⁸.

Os jornais, da mesma forma, fazem referência ao medo dos habitantes da região. Segundo o *Estado de Minas*, de 07 de abril de 1967, a população local estava cada vez mais alarmada com os boatos propagados por pessoas da própria região, como o do desaparecimento de militares no alto da Serra⁶⁹. O *Jornal do Brasil*, dos dias 09 e 10 de abril, informou que os professores das esco-

⁶⁵ *Idem*.

⁶⁶ Nadir Tavares de Oliveira. Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 30 de setembro de 2005.

⁶⁷ Depoimento concedido em Espera Feliz no dia 26 de janeiro de 2004.

⁶⁸ Depoimento concedido em Pedra Menina no dia 21 de novembro de 2005.

⁶⁹ Tropas do Exército e da Polícia Militar recebidas a tiros em Caparaó : novas prisões e diversos feridos. In: *Estado de Minas*, 07/04/1967, p.10.

las de Presidente Soares⁷⁰, município próximo à Serra do Caparaó, pretendiam suspender as aulas no município devido à situação⁷¹. O *Correio da Manhã*, do dia 12 de abril, traz informações sobre a suspensão das correspondências entre os alunos de um colégio interno da mesma cidade e seus familiares, “[...] porque as cartas, em sua totalidade, continham notícias alarmantes e pediam aos pais que fôssem buscar os filhos”⁷². A professora de Geografia, Maria do Carmo Rocha Rezende, moradora de Espera Feliz, afirma que na cidade as aulas também foram suspensas no período de maior movimentação por causa da Guerrilha⁷³.

A mesma reportagem do *Correio da Manhã* do dia 12 de abril ainda informava que os fazendeiros locais só se movimentavam em suas propriedades sob escolta policial, temendo a ação dos guerrilheiros. Tal informação pode ser comprovada através de documentos do arquivo da PMMG que relatam a formação de postos de observação e patrulhas a cavalo nas fazendas no interior da Serra do Caparaó. Tais patrulhas, segundo o relatório da PM, eram custeadas pelos próprios fazendeiros, que se sentiam mais seguros com a presença policial na região⁷⁴.

Porém, vale aqui destacar a ação das forças de repressão ao movimento guerrilheiro que se deslocaram para a região. De acordo com alguns depoimentos, artigos de jornais e documentos da PMMG, os militares também atuaram no intuito de ampliar o medo que a população sentia em relação aos comunistas. José Cortez Filho, por exemplo, afirma que manteve contato com alguns dos guerrilheiros no alto da Serra, mas sem se importar com a presença destes: “[...] eles nunca prejudicaram a gente em nada”⁷⁵. Porém, com a chegada das tropas, a situação mudou. Os militares “avisaram” a população sobre o perigo que corriam com a presença de guerrilheiros comunistas: “Esses homens são da Guerrilha. Vocês estão correndo muito perigo”⁷⁶.

⁷⁰ Após uma consulta popular na década de 1990, o município alterou seu nome para Alto Jequitibá.

⁷¹ Cêrco aos guerrilheiros será fechada amanhã em 3 estados. In: *Jornal do Brasil*, 09-10/04/1967, 1ª página.

⁷² Tropas trocam alimento por simpatia : Caparaó. In: *Correio da Manhã*, 12/04/1967, p. 11.

⁷³ Depoimento concedido em Espera Feliz no dia 22 de novembro de 2005.

⁷⁴ Arquivo da Guerrilha da Serra do Caparaó. Museu Histórico da PMMG – Belo Horizonte/ MG.

⁷⁵ Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 05 de outubro de 2005.

⁷⁶ *Idem*.

O *Jornal do Brasil*, do dia 17 de abril de 1967, afirma que, até as primeiras prisões em Espera Feliz, a população dava pouca importância à presença de estranhos no local. No entanto, a situação veio a se modificar :

Depois da prisão, porém, os soldados revelaram que procuravam guerrilheiros que iriam tomar seus lares e fazê-los levar uma vida sem ordem social, situação que habitantes da região não concebem em hipótese alguma, mesmo os mais humildes, todos presam a liberdade, a família e a religião⁷⁷.

Em um bilhete direcionado ao Posto de Operações Conjuntas⁷⁸ (POC), sediado na cidade mineira de Espera Feliz, o capelão da PM mineira narra toda a atividade exercida pelos homens de sua corporação no sentido de ganhar o apoio dos moradores locais. Entre atendimentos médicos e dentários, vacinações, recreações com as crianças, o religioso relata o combate ao comunismo :

Assistência religiosa à população e ensinando o papel das Forças Armadas e das Polícias Militares mostrando a união que existe entre elas, como por exemplo : a ação conjunta agora, fazendo ver o trabalho dos comunistas para a destruição do Brasil e de vigilância do Governo para a felicidade de nossa Pátria, tudo orientando para que a população saiba se defender contra as doutrinas que tentam dividir os brasileiros⁷⁹.

A professora de Geografia, Maria do Carmo Rocha Rezende afirma que, em Espera Feliz, oficiais do Exército realizaram palestras na escola. O tema central das conferências : o comunismo :

⁷⁷ Caça a guerrilheiros termina hoje com Operação-Pente Fino. In : *Jornal do Brasil*, 17/04/1967, p. 22.

⁷⁸ Mesmo havendo alguns depoimentos e artigos de jornais se referindo à ação de homens do Exército no interior do Parque Nacional do Caparaó nas buscas por guerrilheiros, os documentos analisados neste trabalho levam a crer que toda a operação teria ficado a cargo das Polícias Militares de Minas Gerais e Espírito Santo. Entretanto, o comando era dado por oficiais da 4ª Região Militar de Juiz de Fora, instalados no POC de Espera Feliz, aos quais as Polícias mineira e capixaba eram obrigadas a enviar relatórios diários referentes às ações.

⁷⁹ Arquivo da Guerrilha da Serra do Caparaó. Museu Histórico da PMMG. O conteúdo do bilhete é também citado, na íntegra, no relatório fornecido ao Estado Maior da PMMG datado de 10/04/1967.

Na palestra na escola, sempre que eles falavam do comunismo, eles diziam assim, dessa questão primeiro do Fidel Castro, de Cuba e da Rússia. Eram as duas coisas mais tomadas como, como... exemplo, era a Rússia. Então os russos que são pessoas más, nessa questão do comunismo. [...] Que seria... que a gente ia perder toda a liberdade⁸⁰.

Dessa forma, a população passa a viver um clima de angústia constante, à espera dos guerrilheiros que podiam atacar a qualquer instante, provocando em muitos reações desesperadas : “Coletivo, o medo pode ainda conduzir a comportamentos aberrantes e suicidas, dos quais a apreciação correta da realidade desapareceu”⁸¹. Mas qual seria o objetivo do guerrilheiro no imaginário da população? O que os moradores da região estudada temiam na verdade? Maria Horst Cortez, ex-agricultora, esposa de José Cortez Filho e moradora de Alto Caparaó, afirma que temia os comunistas que estavam no alto da Serra, pois os comentários levavam todos a acreditar “[...] que o Caparaó ia desabar. Que havia confronto, que eles iam tomar as terras, que eles iam matar todo mundo aqui, ou o pessoal tinha que desocupar o Alto Caparaó, deixar por conta deles”⁸². Aspecto parecido pode ser observado na fala do casal de ex-agricultores Genésio Moreira de Souza e Zózima Martins de Souza, na época moradores da zona rural de Caparaó. Ela afirma que “[...] eles queriam tomar a cidade”⁸³, sendo complementada pelo marido : “[...] aquele negócio de tomar a cidade, vai matar todo mundo [risos]”⁸⁴.

De acordo com a maior parte dos depoimentos, o medo do guerrilheiro se justificava por ele ser comunista e pretender tomar as cidades e as terras da população local. A idéia de escravidão estava relacionada à tomada das propriedades, como se pode notar no relato de Welton Ferreira Lima :

É, naquela época falava-se que a missão deles era realmente tomar o Pico da Bandeira. [...] Que eles iam montar uma base no Pico da Bandeira porque era bem localizado. Então, nós tínhamos, realmente, era isso que

⁸⁰ Depoimento concedido em Espera Feliz no dia 22 de novembro de 2005.

⁸¹ DELUMEAU, *op. cit.*, p. 20.

⁸² Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 05 de outubro de 2005.

⁸³ Zózima Martins de Souza. Depoimento concedido no dia 21 de janeiro de 2004.

⁸⁴ Genésio Moreira de Souza. Depoimento concedido no dia 21 de janeiro de 2004.

a gente sabia, achar que eles iam tomar o Pico da Bandeira e tomar essa região toda nossa aqui. [...] Tomar a cidade e ainda nos fazer de escravos. Nos fazer de escravos para trabalhar para eles, aquela coisa toda. Então, o que eu lembro, não é lendo, não, isso eu lembro mesmo que aconteceu isso : “agora estamos perdidos, porque nós vamos ter é que trabalhar para esse povo. Esse povo vai tomar Caparaó, Alto Caparaó, Manhumirim, Manhuaçu, Carangola, nós vamos ser escravos desse povo”, é isso que a gente lembra⁸⁵.

As ligações dos guerrilheiros com Leonel Brizola e a tentativa de se iniciar uma revolução com o intuito de expandi-la para todo o país foram considerações que também apareceram nos depoimentos, como o de Joaquim Cândido :

O que se falava aqui é que eles queriam tomar o Caparaó. O caso deles era fazer revolta no país, que segundo soube, eles eram da revolução de sessenta e quatro. Aquela turma do Brizola e tudo. Então eles foram mandados embora... segundo eu soube, eram todos militares. Tinham perdido o cargo deles lá e vieram para cá... então, o caso deles era revolucionar o país. Iam tomar essa cidade aqui, que se chegassem e acampassem aqui, aí iam tomar a cidade, iam causar pânico na população. Aí as autoridades de fora iam ficar... querer, assim, chegar para acudir o povo, qualquer coisa⁸⁶.

Neste sentido, os boatos até tinham um fundo de verdade, pois os guerrilheiros, opositores à ditadura implantada após o golpe de 1964, contavam com o apoio de Brizola e imaginavam iniciar um movimento com o intuito de expandi-lo para todo o País. Entretanto, mesmo nas informações com base na realidade, surgem distorções. Através do relato de Adilson Antônio de Moraes, residente em Espera Feliz, percebe-se os exageros em relação a tais rumores :

Na época eles diziam que era... pessoal do comunismo. Pessoal do Brizola. Naquele tempo era assim. O pessoal do Brizola querendo entregar o Brasil para Cuba, para Rússia, sei lá... o comentário era isso, a gente era tudo rapazinho, sentia aquela influência de... igual hoje que

⁸⁵ Depoimento concedido em Caparaó no dia 29 de janeiro de 2004.

⁸⁶ Depoimento concedido em Caparaó no dia 20 de novembro de 2005.

tem aquela... mas, naquela época a gente era tudo rapaz e não ligava muito para essas coisas. Mas o comentário era esse : que os comunistas estavam a fim de entregar o Brasil para os [países] comunistas. Que o Brizola estava enfiado nesse meio, e não sei o que lá...⁸⁷.

O ex-agricultor Sebastião Machado de Faria, residente nas proximidades de Pedra Menina na época da Guerrilha, afirma que todos comentavam que o guerrilheiro vinha para matar todo mundo, mas antes “[...] eles iam descer com um livrão para nós assinarmos os papéis naquele livrão deles, que o nosso Brasil ia ser de outro país”⁸⁸. Portanto, a imagem do comunista como um indivíduo sem pátria que age no intuito de entregar o Brasil ao domínio de uma outra nação que adote o regime, principalmente a União Soviética, aparece nos depoimentos dos moradores entrevistados.

Outro medo freqüente nos depoimentos é o de que os comunistas envenenassem a água, matando toda a população e facilitando a tomada das terras. Segundo Izac Valério, Alto Caparaó e as fazendas vizinhas são abastecidas por água proveniente do alto da Serra. Assim, se fosse colocado algum produto em sua nascente, todos morreriam⁸⁹. Sebastião Machado de Faria também se lembra de comentários sobre o perigo de contaminação da água. Entretanto, os poderes maléficos dos comunistas ganham uma maior proporção em seu depoimento :

Ah, o comunismo... pregava uma coisa muito ruim do comunismo. Comunismo era a pior coisa do mundo. Nem sei se é, mas eles pregavam assim. O povo aqui tinha muito medo dos tais guerrilheiros. Porque o povo... porque tinha uma lenda de falar de envenenar as águas. Que podiam essas pessoas acostumarem aqui e envenenarem a água na nascente. E da nascente matar nós todos aqui dentro... Punha de noite, e de manhã cedo nós estávamos todos mortos. Um veneno, um remédio explosivo que... explosivo que eles falam essa tal de bomba atômica no outro país, que é uma coisa à toa, pequenininho, que faz muito efeito mesmo. Efeito mortal. Mata no ar, mata dentro d’água, do jeito que vier. Uma pequena coisa mata todo mundo. Aí nós ficamos com medo demais⁹⁰.

⁸⁷ Depoimento concedido em Espera Feliz no dia 21 de novembro de 2005.

⁸⁸ Depoimento concedido em Pedra Menina no dia 22 de novembro de 2005.

⁸⁹ Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 04 de outubro de 2005.

⁹⁰ Depoimento concedido em Pedra Menina no dia 22 de novembro de 2005.

A utilização pelas forças militares de aviões e, principalmente, de helicópteros ocasionou medo e transtorno aos moradores da região. A princípio, sem saber se os aparelhos pertenciam aos guerrilheiros ou às tropas, a população experimentou um misto de pânico e surpresa diante da novidade, como aparece no depoimento de Welton Ferreira Lima :

Ah, o helicóptero para época era coisa do outro mundo. Eu sei dizer que o helicóptero desceu aqui no campo, o antigo campo velho que hoje é novo [risos]. Então, aquele negócio rapaz, foi uma coisa muito interessante, viu. A gente nunca tinha... a gente até falava “aeroscópio”, a gente falava “aeroscópio”, não era helicóptero, não. Então, veio aquele negócio descendo, se eu não me engano foi até um tenente-coronel, parece que desceu, não lembro, mas eu sei que aquele negócio do helicóptero descer no campo, aquilo foi chapéu que voou para tudo quanto é lado, porque tem, não é, a pressão era muito forte e chapéu voava. Só via gente correndo, todo mundo correndo. Isso aqui virou que, cheio de gente para ver o helicóptero. Mas também, daquele tipo, podia ser polícia, mas podia ser guerrilheiro também. Eu sinceramente, ele desceu no meio do campo. Eu comecei a ver na trave do gol. Foi o lugar que eu comecei a ver. Depois fui chegando mais para perto até esbarrar a mão nele eu esbarrei. Mas, para mim foi coisa do outro mundo. Uma festa. Até hoje quando desce helicóptero aqui é uma festa⁹¹.

Dalbino José dos Santos relata, de forma apreensiva, que trabalhava num local próximo a Alto Caparaó quando viu o helicóptero pela primeira vez :

Eu estava trabalhando, estava trabalhando em cima com mais quatro companheiros. Eu nunca tinha visto um helicóptero, eu vou dizer a verdade, e nós éramos quatro pessoas trabalhando. Aí, de repente, por trás duma montanha apontou aquele helicóptero e parou por cima de nós. Até eu estava com um colega, coitado, ele chegou a ajoelhar no chão de tanto medo! Ele falou : “Oh, não vou ver mais a mamãe!” Então ele ficou mesmo apavorado, e não ele, mas como todo mundo, até o filho do patrão que estava junto. E logo nós até largamos mais cedo “mucadinho”⁹².

⁹¹ Depoimento concedido em Caparaó no dia 20 de novembro de 2005.

⁹² Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 26 de janeiro de 2004.

Os jornais também demonstram o misto de surpresa e medo com que a população da área reagiu quando viu pela primeira vez os aparelhos. O *Jornal do Brasil*, do dia 08 de abril de 1967, afirma que os habitantes de Alto Caparaó deixaram o almoço de lado para observarem, surpresos, a chegada do helicóptero na localidade⁹³. Na edição do dia 15, o mesmo jornal afirma que a população de uma outra localidade da região, Santa Marta, também teria ficado impressionada com o helicóptero, apelidando-o de “[...] cró-có-có com um papavento na corcunda”⁹⁴.

O medo em relação ao guerrilheiro pode ser notado igualmente pelo número de denúncias e prisões de civis ocorridas em toda a região. Os jornais do período trazem várias referências a moradores que afirmavam ter avistado pessoas estranhas e tê-las denunciado à polícia⁹⁵. Os documentos da PMMG trazem denúncias de pessoas que teriam avistado estranhos ou focos luminosos na área interdita pelas tropas. De acordo com os mesmos jornais e documentos da Polícia Mineira, um grande número de prisões foram realizadas nas cidades próximas à Serra do Caparaó como Espera Feliz, Manhumirim, Carangola, Fervedouro, entre outras: “Outra conseqüência dos fatos é a suspeita generalizada que se criou em torno das pessoas estranhas que chegam às cidades, ocasionando prisões em grande número, pois a qualquer indício os militares entram em ação”⁹⁶. Pessoas foram presas até mesmo em cidades distantes da região como Governador Valadares, Ponte Nova, Raul Soares e Ipatinga⁹⁷. A grande maioria foi liberada pouco tempo depois por não se confirmar qualquer envolvimento com a Guerrilha.

O medo do guerrilheiro, portanto, tomou várias formas. À espera do comunista, que a qualquer momento poderia descer da Serra, os moradores viveram intranqüilos, tendo o seu cotidiano alterado. Os rumores que surgiam e se es-

⁹³ Exército procura mais 300 guerrilheiros em Caparaó. In: *Jornal do Brasil*, 08/04/1967, p. 3.

⁹⁴ Operação-Pente Fino começou ontem em Caparaó. In: *Jornal do Brasil*, 15/04/1967, p.11.

⁹⁵ *Estado de Minas* : Tropas em operação admitem presença de outros homens em armas na região, 11/04/1967; Soldados da PM vasculham grutas à procura de guerrilheiros em Caparaó, 13/04/1967; Limpeza em Caparaó chega ao fim e PM não confirma mortes de guerrilheiros, 14/04/1967. *O Globo* : Matança de gado denunciou guerrilheiros do Caparaó, 08/04/1967; Presos 36 implicados na ação de guerrilhas na serra do Caparaó, 14/04/1967. *Jornal do Brasil* : Guerrilheiros metralham um trem da Leopoldina em Minas, 06/04/1967; Novos guerrilheiros obrigam a FAB a solicitar reforços, 11/04/1967.

⁹⁶ Tropas trocam alimento por simpatia : Caparaó. In: *Correio da Manhã*, 12/04/1967, p.12.

⁹⁷ Tropas estão lutando com os guerrilheiros na Serra do Caparaó. In: *O Globo*, 06/04/1967, 1ª página.

palhavam rapidamente, produziam reações de desespero nunca sentidas. Os choros, os desmaios, as pessoas que se trancaram em casa, as denúncias em relação aos estranhos que apareciam na região, enfim, todos os sinais de medo indicam como a Guerrilha abalou emocionalmente tais pessoas. É interessante destacar, porém, que no momento em que o medo se disseminou pela Serra, já não mais havia guerrilheiros na região. Os envolvidos com o movimento que haviam se instalado no Parque Nacional foram presos antes da chegada de todo esse aparato militar. Apenas um grupo, formado por seis integrantes do MNR, foi capturado pela Polícia mineira neste período. Na verdade, eram homens que davam apoio à Guerrilha a partir da cidade do Rio de Janeiro e que haviam se dirigido à Serra do Caparaó imaginando encontrar e resgatar possíveis remanescentes do movimento que pudessem ter fugido ao cerco dos militares. Porém, todos os guerrilheiros já estavam presos.

Outros aspectos ainda colaboraram para ampliar a intranqüilidade. De acordo com os depoimentos coletados, a população desenvolveu um sentimento de simpatia em relação às tropas após todas as ações assistencialistas praticadas pela Ação Cívico-Social (ACISO) da PMMG e pelo fato de terem “salvado a região dos perigosos comunistas”. Entretanto, pode-se perceber que, pelo menos a princípio, muitos moradores também tinham receio de aproximar-se dos militares :

[...] quem ficou com medo nem com, nem com... não saía de casa para não, para não ser entrevistado pela polícia. Que a polícia entrevistava todo mundo que passava ali. “Ah, eu não sei o que é que eu vou falar com eles. Às vezes os homens vão imaginar que até eu também sou culpado”⁹⁸.

Havia também o medo de que ocorresse o confronto entre os militares e os guerrilheiros, e que nesta situação a população civil pudesse ser atingida; correram boatos de que a Serra seria bombardeada pelos aviões da FAB que davam cobertura à ação por terra :

Moradores da região estão alarmados com a onda de boatos, deixando os fazendeiros da região interdita pelo Exército em sobressalto. Helicóptero da FAB desceu em várias fazendas no sopé da montanha para o le-

⁹⁸ Izac Valério. Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 04 de outubro de 2005.

vantamento da região. Surgiram notícias contraditórias sobre aquela procedência. A notícia surgiu em poucos minutos em toda a zona : a FAB iria bombardear a Serra do Caparaó para desalojar os guerrilheiros⁹⁹.

A população ainda foi vítima de vários outros transtornos : para entrar ou sair de várias localidades, as pessoas eram obrigadas a se identificar aos militares presentes na região¹⁰⁰; em outras áreas, eram necessárias senhas, caso contrário, as tropas tinham autorização para atirar¹⁰¹; em determinados locais, era necessário andar sinalizado¹⁰²; houve a interdição de estradas pelas tropas, o que teria ocasionado o atraso, e mesmo, a interrupção de linhas de ônibus que ligavam diversas localidades nas proximidades da Serra do Caparaó¹⁰³; estações ferroviárias foram fortemente ocupadas pela PM mineira e um ônibus teria sido revistado¹⁰⁴. Dessa forma, toda a operação antiguerrilha implantada na região foi causadora de transtornos e constrangimentos. Sobre uma população humilde, pode-se imaginar o impacto causado por todos esses acontecimentos.

É importante destacar que, após o fim de toda a operação antiguerrilha, a população ainda permaneceu receosa quanto à existência de guerrilheiros no interior do Parque Nacional. Toda a movimentação militar na região teria durado até o dia 18 de abril de 1967. No entanto, documentos da PMMG mostram que a corporação se deslocou várias vezes para o interior do Parque Nacional para investigar algumas denúncias realizadas pela população referentes à movimentação de estranhos, à montagem de acampamentos, pouso de helicópteros e disparos de armas de fogo. Um homem chegou a ser preso na região de Pedra Menina. Após ter mentido várias vezes para os policiais que o interrogaram, foi levado para Alto Caparaó, não sendo mais mencionado nos documentos¹⁰⁵.

⁹⁹ Tropas vasculham território capixaba. In : *Estado de Minas*, 12/04/1967.

¹⁰⁰ Guerrilheiros do ex-sargento Amadeu adquiriam alimentos em Caparaó Velho. In : *Estado de Minas*, 07/04/1967.

¹⁰¹ Novos guerrilheiros obrigam a FAB a solicitar reforços. In : *Jornal do Brasil*, 11/04/1967.

¹⁰² Dalbino José dos Santos. Depoimento concedido em Espera Feliz no dia 26 de novembro de 2004.

¹⁰³ Soldados vasculham grutas a procura de guerrilheiros em Caparaó. In : *Estado de Minas*, 13/04/1967.

¹⁰⁴ Exército assume o comando da ação contra os guerrilheiros. In : *Jornal do Brasil*, 07/04/1967, p. 3.

¹⁰⁵ Arquivo da Guerrilha da Serra do Caparaó. Museu Histórico da PMMG – Belo Horizonte/MG.

Segundo relatos informais de alguns integrantes da PM mineira, ocorreram várias investigações na região até fins da década de 1970, após denúncias dos moradores da zona rural da Serra do Caparaó, sobre a presença de pessoas estranhas. Na maioria delas, a Polícia Militar teria concluído que os estranhos eram turistas que praticavam *camping* no interior do Parque Nacional. Porém, os documentos que poderiam confirmar tais relatos não constam no arquivo da PMMG sobre a Guerrilha de Caparaó.

Os depoimentos dos moradores também deixam transparecer que a angústia diante da ameaça comunista permaneceu. Se por um lado, a saída das tropas representava que os guerrilheiros haviam sido derrotados, de outro, ficava sempre a dúvida se alguns destes não teriam conseguido se esconder dos militares, ou se não retornariam à região novamente para colocar em prática os seus planos. Segundo Welton Ferreira Lima, os moradores de Caparaó ainda permaneceram com receio em relação a estranhos que apareciam na cidade, principalmente se estes usassem barba, cabelos compridos e mochilas :

A gente saía, mas com pé adiante e o outro atrás. A gente tranqüilo, sim. “Acabou!” Mas a gente ainda ficava precavido, porque você sabe como é povo da roça – nesse tempo isso era uma roça – é bem assim, agarrado as coisas, entendeu? Eu estou para te dizer com toda a sinceridade, que foi em mil novecentos e sessenta e poucos, por aí... hoje, ainda é capaz de ter gente com medo de guerrilheiro aqui em Caparaó, você está entendendo?¹⁰⁶

Joaquim Cândido da Silva também relata que a população permaneceu com medo por algum tempo : “Essa onda, assim, de guerrilheiro ficou, porque aí, de vez em quando, proibia, assim... a ida no pico com medo de ter mais algum por lá. [...] se chegasse uma pessoa estranha e ficasse por aí, eles [a polícia] identificavam”¹⁰⁷.

A compra de propriedades por pessoas vindas do Rio de Janeiro nas proximidades de Pedra Menina também alarmou a população. De acordo com Francisco Protásio de Oliveira, os moradores da localidade preferiam não manter contato com os estranhos recém-chegados. Várias visitas foram realizadas pela

¹⁰⁶ Depoimento concedido em Caparaó no dia 20 de novembro de 2005.

¹⁰⁷ Depoimento concedido em Caparaó no dia 20 de novembro de 2005.

polícia com o intuito de investigar os novatos na região¹⁰⁸, provavelmente, denunciados pelos próprios vizinhos.

Até mesmo o trabalho com o gado pode ter sido afetado, já que a maior parte dos criadores mantinha os animais soltos no alto da Serra. Dessa forma, com medo da permanência de guerrilheiros, muitos deixaram de ir até o local: “Tinha muitas pessoas que iam no campo. Aí diminuiu o povo um ‘mucado’ na época, porque cismaram que eles podiam voltar outra vez. Mas nunca mais”¹⁰⁹.

Dessa forma, para os moradores das áreas próximas ao Pico da Bandeira, a Guerrilha de Caparaó é o momento em que estiveram próximos de serem dominados pelo tão famigerado comunismo. O guerrilheiro, que se locomovia sorrateiramente pelos campos e matas no alto da Serra, trouxe à tona e ampliou o maior de todos os medos sentidos pelo homem: o medo da morte. A imagem do comunista, construída através de mensagens propagadas por grupos conservadores, foi absorvida e reinterpretada a partir da carga cultural que tais pessoas carregavam.

Diferentemente dos resultados obtidos por Rodeghero em sua pesquisa no interior do Rio Grande do Sul, onde a autora afirma que havia um “[...] medo do comunismo sem comunistas”¹¹⁰, através das entrevistas colhidas para o desenvolvimento deste trabalho, o comunista “existia” e aparece incorporado na figura do guerrilheiro. Seriam os homens “cabeludos” e “barbudos” que rondavam os arredores do Parque Nacional os responsáveis pela destruição da representação de modo de vida que tal população tinha como ideal. O “guerrilheiro comunista”, assim, agindo em função dos mandos de uma outra nação, ocuparia cidades, tomaria as propriedades e escravizaria toda a população, ou mesmo, a mataria para pôr em prática os seus planos de dominação de todo o Brasil.

Assim sendo, a representação construída em torno do integrante do MNR pela população estudada não foi mera transposição de imagens, uma redução simplista compreendendo guerrilheiro e comunista como sinônimos. A figura do “guerrilheiro comunista” mescla a propaganda anticomunista às condições sócio-culturais vividas por esta população, o trauma vivido pelos rumores tenebro-

¹⁰⁸ Depoimento concedido em Pedra Menina no dia 21 de novembro de 2005.

¹⁰⁹ José Cortez Filho. Depoimento concedido em Alto Caparaó no dia 05 de outubro de 2005.

¹¹⁰ RODEGHERO, Carla Simone. *Memórias e avaliações*: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964. Porto Alegre: 2002a. 457f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 372.

sos que rapidamente se espalhavam pela região e a ação dos militares, que contribuíram para ampliar ainda mais o medo vivido por esta. A Guerrilha de Caparaó, dessa forma, se configura num momento traumático onde a tranqüilidade foi abalada pela ameaça comunista. Por maiores que fossem as dificuldades cotidianas, os moradores das áreas rurais em torno da Serra não pretendiam ter o seu modo de vida alterado. Sua condição de isolamento em relação às zonas urbanas propiciava uma maior proximidade entre os vizinhos e, conseqüentemente, uma maior solidariedade. Ao mesmo tempo, eram donos de suas terras ou de sua própria força de trabalho, o que significava liberdade. Era esse modo de vida, simples e rude, que a população pretendia resguardar. O comunista, representado na figura do guerrilheiro, surgia como uma ameaça à sociedade ideal imaginada por tais pessoas. Mal sabiam que a vida simples não seria destruída pelo comunismo, e sim, pelo avanço do próprio sistema capitalista.